

Globalização, educação, ser negro: é preciso ensinar Milton Santos

Sebastião Pinheiro Gonçalves de Cerqueira Neto¹, Leonardo Thompson da Silva², Cediglês Lima dos Santos³

Resumo

Ao propor um texto acerca da necessidade de ensinar Milton Santos, a intenção principal é mostrar a importância desse intelectual negro para o pensamento crítico, não somente da Geografia, mas para qualquer área do conhecimento que se dedica a compreender a dinâmica dos territórios a partir de diferentes vetores. Certamente, é impossível neste artigo abordar toda a teoria de Milton Santos, que pode ser transformada em conteúdo de sala de aula. Por isso, optamos por elaborar uma reflexão tendo como tema norteador as várias faces da globalização, sobretudo, a da perversidade socioeconômica, que exerce influência na educação, nas questões raciais e na totalidade do território. Para ensinar o tema globalização por meio de uma abordagem crítica em sala de aula, sugerimos vídeos – documentários e entrevistas – nos quais Milton Santos é protagonista. Os vídeos colaboram para a fixação da imagem e da corporeidade de Milton Santos e contribuem para ampliar o entendimento da visão de mundo dele. Por fim, espera-se contribuir para reforçar o relevante legado desse importante geógrafo, para a compreensão crítica do mundo em que vivemos.

Palavras-chave

Globalização. Geografia. Negro. Milton Santos.

¹ Doutor em Geografia, com ênfase em Análise Regional, pela Universidade Federal de Sergipe, Brasil; estágios de pós-doutoramento na Universidade Federal da Bahia, Brasil (2014); no Centro de Estudos Sociais na Universidade de Coimbra, Portugal (2015); na Universidade Federal do Rio de Janeiro (2018); professor no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia, campus Porto Seguro, Brasil; líder do Grupo de Pesquisa Observatório Milton Santos (IFBA/CNPq). E-mail: cerqueiraneto.mg@gmail.com.

² Doutor em Geografia pela Universidade Federal da Bahia, Brasil, com período sanduíche na Universidade de Coimbra, Portugal; professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia, Campus Porto Seguro, Brasil; membro do Grupo de Pesquisa Observatório Milton Santos (IFBA/CNPq); tutor do Programa de Educação Tutorial (PET) Conexões de Saberes. E-mail: leonardothompson@gmail.com.

³ Mestre em matemática pela Universidade Federal de Santa Cruz, Bahia, Brasil; professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia, campus Porto Seguro, Bahia, Brasil. E-mail: cedigles.santos@ifba.edu.br.

Globalization, education, being black: it is necessary to teach Milton Santos

Sebastião Pinheiro Gonçalves de Cerqueira Neto⁴, Leonardo Thompson da Silva⁵, Cediglês Lima dos Santos⁶

Abstract

By proposing a text about the need to teach Milton Santos, the main intention is to show the importance of this black intellectual for critical thinking, not only in Geography, but in any area of knowledge dedicated to understanding the dynamics of territories from of different vectors. It is certainly impossible in this article to cover all of Milton Santos' theory that can be transformed into classroom content. That is why we chose to develop a reflection with the various faces of globalization as its guiding theme, above all, the face of socioeconomic perversity that influences education, racial issues, and the entire territory. To teach the topic of globalization through a critical approach in the classroom, we suggest videos – documentaries and interviews – in which Milton Santos is the protagonist. The videos help to establish the image and corporeality of Milton Santos and contribute to expanding the understanding of his worldview. Finally, we hope to contribute to reinforcing the relevant legacy of this important geographer for the critical understanding of the world in which we live.

Keywords

Globalization. Geography. Black. Milton Santos.

⁴ PhD in Geography, with an emphasis on Regional Analysis, Federal University of Sergipe, State of Sergipe, Brazil; post-doctoral internships at the Federal University of Bahia, State of Bahia, Brazil (2014); Center for Social Studies at the University of Coimbra, Portugal (2015); and Federal University of Rio de Janeiro, State of Rio de Janeiro, Brazil (2018); professor at the Federal Institute of Education, Science and Technology of Bahia, Porto Seguro campus, State of Bahia, Brazil; leader of the Milton Santos Observatory Research Group (IFBA/CNPq). E-mail: cerqueiraneto.mg@gmail.com.

⁵ PhD in Geography, Federal University of Bahia, State of Bahia, Brazil; with a sandwich period at the University of Coimbra, Portugal; professor at the Federal Institute of Education, Science and Technology of Bahia, Porto Seguro campus, Brazil; member of the Milton Santos Observatory Research Group (IFBA/CNPq); tutor of the Tutorial Education Program (PET) Conexões de Saberes. E-mail: leonardothompson@gmail.com.

⁶ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia. E-mail: cedigles.santos@ifba.edu.br.

Introdução

Antes de ser considerado um intelectual, Milton Santos foi um professor. Durante uma das entrevistas dele concedida a um programa de televisão, Milton Santos foi indagado: sua posição crítica ao sistema não o traria prejuízos? Ele respondeu dizendo que era satisfeito e vivia bem com o salário de professor.

Essa postura de Milton Santos nos remete diretamente a muitas questões abordadas pela educação popular. De acordo com Andrioli, Darós e Frantz (2022, p. 30), a educação tradicional é uma “vítima da pressão de interesses corporativos e políticos, ela acaba por moldar-se ao sistema dominante”, o que são aspectos amplamente rechaçados por Milton Santos em diversas fases da imensa obra do autor. Por exemplo, a grande crítica dele ao modelo de globalização que o país aceitou tranquilamente disserta acerca de uma globalização que, se por um lado trouxe benefícios para alguns, por outro lado, sua principal característica foi o alargamento da desigualdade entre ricos e pobres. Por isso, Milton Santos a chama de perversa. Essa face perversa da globalização se fez presente em diversos setores da sociedade, sobretudo, na educação.

De acordo com Milton Santos, seria um erro afirmar que a globalização era o único caminho possível para o desenvolvimento de um determinado território, a partir do momento em que esse território era analisado apenas pelo viés econômico. Por isso, a importância da educação popular na desconstrução da face perversa da globalização, pois ela parte “da prática social e cultural e a reflexão da experiência” (Andrioli; Darós; Frantz, 2022, p. 31).

Não há um conceito científico unificado que defina a globalização, que, inclusive, é abordada por alguns autores como mundialização⁷. A globalização parece apresentar infindáveis meios que conduzem a sua interpretação; talvez por isso, Hansen (2003, p. 105) diz que a globalização tornou-se um termo polissêmico, com abordagens em múltiplas dimensões – econômica, social, cultural, política, ambiental. O que há dentro de uma gama de pesquisas acerca do tema é a caracterização da globalização enquanto um fenômeno que irá indicar o quanto um território está desenvolvido, em processo de desenvolvimento ou subdesenvolvido, portanto, trata de uma análise de cunho mais economicista. A partir desse entendimento, as ciências humanas e sociais, geralmente, trabalharão com abordagens que enxergam a globalização como um importante indicativo de exclusão, sobretudo, se um

⁷ Por exemplo, tem-se o autor Renato Ortiz, que utiliza o termo mundialização como sinônimo de globalização, porém, com uma abordagem mais cultural. Ver: ORTIZ, R. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

território não é dotado de certos equipamentos, técnicas e tecnologias. Por outro lado, são os atores da globalização que determinam quais territórios serão luminosos ou opacos.

No Brasil, a maior crítica ao modelo de globalização veio do professor Milton Santos, que, mesmo antes de publicar o livro *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal* (2000), já elaborava um pensamento crítico em suas entrevistas e debates nos diversos meios de comunicação. Com destaque para o Programa Roda Viva, da TV Cultura (1997),⁸ em que Milton Santos, quase que unilateralmente, contrariando grande parte dos seus entrevistadores, argumentou acerca dos efeitos nocivos da globalização para países repletos de pobres.

No ano de 2021, completou-se vinte anos da morte de Milton Santos. Certamente não há como prever qual seria a interpretação do geógrafo quanto à proposição de se pensar em uma outra globalização. Entretanto, para quem conhece a obra e o comportamento vigoroso dele na elaboração de análises sobre a dinâmica territorial, sobretudo global, pode-se imaginar que ele estaria procurando outros caminhos para explicar a dinâmica do mundo atual, inclusive, subvertendo o termo globalização.

Mesmo sendo um renomado intelectual em nível global, Milton Santos não foi popularizado no Brasil. Não sabemos os motivos pelos quais o pensamento do geógrafo ficou restrito à academia e a pouquíssimos lugares de resistência social. Em contrapartida, nos instiga a globalização ser popularizada, sobretudo, na grande mídia por homens brancos, de pouco conhecimento acadêmico sobre o tema, e que em sua maioria disseminam um discurso único, imputando à globalização o caminho sagrado para o desenvolvimento dos países.

Obviamente que, se fôssemos compilar apenas o que Milton Santos pensava sobre o Brasil e o negro dentro de uma perspectiva racial, não seríamos capazes de realizar uma abordagem completa dentro de um artigo, mesmo porque existem artigos científicos publicados nas bases de dados acadêmicas que colocam Milton Santos no centro dessa questão. Nosso foco neste texto é a atuação de Santos enquanto produtor e disseminador de conhecimento, pontuando a relevância dele como geógrafo e intelectual negro, bem como a sua postura crítica acerca do Brasil e do mundo, a qual é indissociável dos propósitos da educação popular.

⁸ Programa Roda Viva da TV Cultura – Entrevista com Milton Santos, realizada em maio de 1997. Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=xPfkIR34law>.

A globalização colocada de cabeça para baixo

Milton Santos interpretou a globalização sob diversos aspectos. Em um deles, ele usa a globalização para indicar “a existência de três mundos” (Santos, 2001, p. 18) em um mesmo planeta. Assim, haveria um mundo onde a globalização nos foi dada como fábula, no que tange ao acesso ao consumo por todos; um outro mundo mostraria a globalização enquanto perversidade, onde a exclusão dos pobres do processo de desenvolvimento é a tônica dessa ideologia; e, por último, um terceiro mundo construído a partir de uma outra globalização. Nos debruçamos sobre esta última proposta para compreender se ainda estamos perseguindo uma outra globalização ou outros processos que levem à diminuição de um mundo tão perverso para os pobres, como preceituava Milton Santos no livro *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal* (2000).

Estudiosos realizaram análises sobre o fenômeno da globalização. O termo se popularizou e, então, muitos falam acerca da globalização, porém, sem conhecer os seus atores, suas origens, seus objetivos e suas consequências sobre os territórios. Para Santos (2001, p. 23), “a globalização é, de certa forma, o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista”. Analisada por este prisma, pode-se entender que a globalização se constitui em uma etapa da dinâmica do capital pelo mundo, e sendo uma etapa, é possível pensar no seu fim e no surgimento de outro fenômeno em sua substituição.

Um dos fracassos da globalização está na não homogeneização do planeta, pois não acabaram “as diferenciações entre os lugares na superfície terrestre, foram surpreendidos e rebatidos pelos acontecimentos geopolíticos ocorridos logo nos primeiros anos do século XXI” (Moraes, 2002, p. 190). Ademais, como afirma Santos (1982, p. 23), “a universalização não suprime os particularismos”, tendo em vista que assistimos aos continentes em ebulição social, econômica e política, e ao aparecimento de novos países.

Concordando que o termo internacionalização é sinônimo de globalização, Brandão (2004, p. 1) sinaliza que este processo é altamente maléfico à integração de países, por exemplo, como o Brasil, pois “de um modo geral debilita os centros nacionais de decisão e comando sobre os destinos de qualquer espaço nacional”. Nesse sentido, a globalização age para debilitar a administração de prefeitos, governadores e presidentes de territórios econômica e culturalmente frágeis. Nesse sentido, Haesbaert (2009) afirma que a globalização é uma barreira para que haja áreas mais coesas e integradas.

De acordo com Amaral Filho (2002), a globalização está provocando, capitaneada sempre pelo capital, o reordenamento das regiões, em que há um processo de desvalorização

de antigas áreas tradicionalmente de centros industriais, e a criação ou a valorização de regiões, até então, sem grande importância econômica. Dessa forma, a geopolítica das empresas se apresenta mais eficiente que a geopolítica dos governantes.

De acordo com Sousa-Santos (2005, p. 42), “lo que llamamos globalización es un conjunto de relaciones sociales. Esto quiere decir, en primer lugar que no hay propiamente una globalización, sino muchas globalizaciones, diferentes modos de producción de globalización”. A existência e o formato dessas globalizações corroboram com uma percepção de que a globalização deve ser interpretada por meio das particularidades dos territórios, contrariamente ao que a globalização pretende, que é a homogeneização.

Atualmente, podemos construir pensamentos universais mesmo sem sair do nosso território, tendo em vista que o acesso à internet possibilita a qualquer indivíduo que tenha a curiosidade aguçada saber sobre os fatos de toda ordem que acontecem, inclusive, em tempo real e em grande parte do planeta.

Seria possível pensarmos no fim da globalização? Ao propor esta questão não se pensa em um processo de isolamento entre os territórios, pois a diplomacia bem executada é altamente salutar para diminuir as linhas abissais entre os povos. Também não se configura em um cerceamento do uso do termo globalização, mas propor outros caminhos de pensamento que entendam a globalização enquanto conceito de desenvolvimento, de “cabeça para baixo”,⁹ com base no pensamento de Milton Santos, que sugeriu outros caminhos para a globalização.

Por outro lado, Milton Santos falava que os nomes das coisas pouco importavam, mas os processos eram relevantes. Por esse prisma do autor, que concordamos, não importa apresentar nomes pomposos ou neologismos para analisarmos de forma crítica o que está acontecendo com os territórios nas mais diferentes escalas, como municipal, estadual, nacional ou global. O que interessa é o que está ou não está sendo feito pelos governantes e por aqueles que comandam a economia para acabar com os lugares opacos onde vivem os homens lentos; a diminuição da distância socioeconômica entre os povos ou mesmo entre pessoas de um mesmo território; o respeito às diferentes culturas; como o Brasil vai continuar tratando o semiárido; como o mundo pretende enxergar a África.

Portanto, o uso dos termos globalização ou mundialização possui pouca relevância para explicar o grau de desenvolvimento dos territórios. Por exemplo, a globalização da

⁹ Frase dita por Milton Santos na entrevista no Programa Roda Viva, da TV Cultura, realizada em maio de 1997. Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=xPfkIR34law>.

descoberta dos medicamentos para curas de diversas doenças já está avançada nos territórios mais luminosos. Enquanto na África, a vacina para o combate à malária (descoberta há mais de 30 anos) chegou apenas no ano de 2021. Não precisamos elaborar uma tese para nomear essa situação. Da mesma forma, Milton Santos simplesmente perguntava: o que o Brasil deseja fazer com os seus negros? Isso não é desprezar a ciência, pois a ciência tem uma gama de contribuições para melhorar a qualidade de vida das pessoas, apresentando resultados de pesquisas em diversas áreas do conhecimento. Portanto, o problema não é esperar da ciência neologismos para nomearmos problemas já solucionados pela própria ciência. Para Milton Santos, faltavam “políticas públicas a serem implementadas por ações de um governo que não fosse tão afastado dos interesses sociais quanto o comandado por Fernando Henrique Cardoso, ao qual fazia sérias restrições da forma como se entregou ao Consenso de Washington” (Conceição, 2001, p. 3).

A importância da educação para o território

Em um contexto de construção de espaços cada vez mais impregnados pelas especializações técnicas, científicas e informacionais, é crescente a procura pela sociedade, por conhecimento, qualificação e ensino. Historicamente, “o Território Brasileiro cria demandas educacionais, isto é, cria necessidades de formação de pessoas nos lugares” (Santos; Silveira, 2000, p. 12), que, de maneira geral, impõe sua lógica à dinâmica educacional nos diversos níveis de ensino. E, “por essa razão, a história da educação no território poderá ser contada como uma história de ausências e presenças, no espaço nacional, dos atores responsáveis por essa atividade” (Santos; Silveira, 2000, p. 12).

Portanto, o início da ocupação e da formação territorial, atrelado às primeiras formas urbanas e à produção voltada para exportação, deram uma configuração inicial da oferta de escolas e cursos no território brasileiro, mormente, pela “combinação de dois fatores principais: a localização do poder político-administrativo e a centralização correspondente dos agentes e das atividades econômicas” (Santos; Silveira, 2000, p. 15).

Dessa forma, no Brasil, as áreas de produção econômica – ciclo da cana de açúcar e ciclo do ouro – condicionaram a formação dos primeiros núcleos urbanos localizados nas regiões litorâneas e, conseqüentemente, os primeiros estabelecimentos de ensino. À medida em que houve um processo de interiorização de equipamentos e infraestrutura, tais como a construção de estradas, ferrovias, energia elétrica, abastecimento de água, os núcleos urbanos

foram se estruturando com a participação efetiva da implantação de escolas em todos os níveis de aprendizagem.

No que se refere, especificamente, ao ensino superior, Santos e Silveira (2000) descrevem essa relação com a formação do território da seguinte forma:

O surgimento do ensino superior deu-se sob a forma de cadeiras, que foram sucedidas por cursos, por escolas e por faculdades [...] Mais uma vez, foram as áreas litorâneas e de mineração as que convocaram essa oferta: Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, Olinda, Recife, Ouro Preto, Porto Alegre e outras cidades de Rio Grande do Sul. A partir da segunda década do século XIX, momento de independência política, o ensino de Direito afirmou-se com a instalação dos cursos no Rio de Janeiro, Olinda e São Paulo. Era certamente uma época de saberes universais. Direito, Medicina, Farmácia, Filosofia, Artes, Engenharia e Agronomia constituíram os caminhos de uma maior vida de relações nas cidades e de afiançamento das elites nacionais no território (Santos; Silveira, 2000, p. 15-16).

O que podemos perceber é que a cada evolução nos ciclos econômicos, demandava-se mecanização e melhorias de técnicas na produção, por conseguinte, a demanda por formação aumentava, principalmente na Engenharia, mas havia demanda em diversas áreas do conhecimento que formavam a elite financeira e intelectual do país.

Já no século 20, o território brasileiro, desenhado a partir de manchas da mecanização da produção agrícola, passa por um processo de industrialização, evolução das redes de infraestrutura e transporte, com crescente integração dos mercados, novas polarizações urbano-regionais, novos meios de comunicação e informação, junto às dinâmicas populacionais rural-urbanas, contribuindo para uma concentração espacial socioeconômica no eixo centro-sul do território. O processo de urbanização do território brasileiro é acompanhado por um crescimento da demanda educacional. Esse acréscimo vertiginoso está relacionado ao aumento significativo de instituições públicas e privadas e de cursos ofertados no ensino superior.

A intensificação do modelo capitalista internacional, pautada em uma ideologia da racionalidade e de modernização, supera o setor privado e adentra o setor público. A expansão sem precedentes das empresas multinacionais implanta uma “ideologia do consumo, do crescimento econômico e do planejamento [...] que iriam guiar a reconstrução ou a remodelação dos espaços nacionais” (Santos; Silveira, 2000, p. 26). Para que esse cenário fosse construído, foi necessário haver uma revolução dos transportes e das telecomunicações, com estabelecimento de redes mais densas e modernas, possibilitando condições de fluidez do território.

Outros aspectos desses arranjos territoriais no Brasil são: o desenvolvimento do capitalismo agrário; a expansão das fronteiras agrícolas; a produção industrial extrovertida; a maior penetração das empresas transnacionais; a expansão da indústria dinâmica; o incremento da exportação; o aumento do setor terciário; a especialização territorial; a internacionalização dos processos de produção; a tendência à concentração e centralização da economia; e a dependência dos centros avançados do sistema mundial.

Contudo, o Estado, para se manter, é “forçado” a implementar políticas que priorizam as grandes empresas e corporações em detrimento de uma política de massas.

Nesse período, impõe-se uma grande ruptura. Importantes capitais fixos são adicionados ao território, em dissociação com o meio ambiente e com a produção. O capital comanda o território, e o trabalho, tornado abstrato, representa um papel indireto. Por isso, as diferenças regionais passam a ser diferenças sociais e não mais naturais (Santos; Silveira, 2000, p. 29).

Logo, ocorre uma difusão geográfica e social do ensino, e todas as regiões conhecem a difusão do ensino, sobretudo, o superior. Contudo, essa expansão não se dá de maneira homogênea. As bases para a consolidação do meio técnico-científico-informacional se estabelecem no território brasileiro, conformando a inserção no mercado global. “Este novo meio é a cara geográfica da globalização” (Santos; Silveira, 2000, p. 31), uma globalização perversa, que exclui muitos territórios enquanto privilegia poucos. Os grandes sistemas técnicos favorecem a fluidez espacial, que passa a ser cada vez mais relevante, dando suporte a uma produção em todas as instâncias mercadológicas.

Os sistemas de engenharia são projetados de forma integrada; as redes materiais e imateriais são tecidas com a perspectiva de convergir certos agentes de determinadas regiões do território. Essa seletividade na expansão do meio técnico-científico-informacional ocasiona uma divisão social e territorial do trabalho, deixando-a cada vez mais complexa. Entretanto, em todos os casos, a demanda por ensino e qualificação aumenta, e a oferta se aproxima das especializações produtivas dos lugares (Santos; Silveira, 2000).

Nesse contexto, acessibilidade e localização dos bens e serviços, espalhados desigualmente pelo território, seguem uma lógica de mercado, mas podem ser modificadas por uma ação pública, minimizando os efeitos das compartimentações e exclusões de certas fatias da sociedade. Assim, as fronteiras educacionais estão centradas nas áreas mais dinâmicas economicamente, ou seja, em ilhas representadas pelas capitais dos estados, nas metrópoles e, principalmente, no eixo centro sul do país.

A diversidade de atividades econômicas, dos serviços e de instituições modernas reflete nos novos conteúdos para o ensino, novos saberes técnicos e científicos, haja vista que “a natureza dos cursos permite, assim, elaborar uma Geografia do ensino que, de um lado, participa da remodelação do território e, de outro, é por esse mesmo território condicionada” (Santos; Silveira, 2000, p. 48). É importante salientar que, mesmo com a expansão do ensino, há uma concentração e especialização dos cursos em áreas metropolitanas, pois “a metrópole permite assim, qualitativa e quantitativamente, multiplicar as tipologias de cursos e o seu número, autorizando, também, por meio de sua concentração, a multidisciplinaridade e a qualidade dos cursos” (Santos; Silveira, 2000, p. 49). Consequentemente, com a oferta de cursos centralizada nas áreas mais urbanizadas e densas de atividades econômicas, ocorre uma redução de custos educacionais com um atendimento maior para a população.

É inegável que os cursos ofertados influenciam a dinâmica local e o entorno a partir do oferecimento de conteúdos e saberes vinculados às instituições econômicas modernas. Essa influência é tão substancial nos territórios, pois provoca tensões, em um jogo dialético entre a homogeneização de determinados saberes e a especialização de outros, de acordo com os lugares. Segundo Santos e Silveira (2000, p. 55),

Com o domínio da técnica e da ciência, a ampliação dos consumos, o papel da informação e da organização e o poder das finanças criam a necessidade desses saberes científicos, técnicos, informacionais, no território como um todo, mas com marcantes especializações nos lugares. Em todos os períodos, a lógica do fenômeno educativo tem estreita relação com a própria lógica do fenômeno territorial (Santos; Silveira, 2000, p. 55).

A expansão desigual das instituições de educação nos diversos níveis de ensino, tanto em quantidade como em qualidade, se relaciona à dialética entre território e educação. Municípios, estados e regiões possuem particularidades econômicas, sociais, culturais, políticas e ambientais, que são características relevantes para o entendimento das desigualdades geográficas do fenômeno educacional. De maneira geral, isso fica mais evidente no ensino superior, pois percebe-se uma densidade maior de estabelecimentos de ensino, de alunos e professores em áreas mais dinâmicas, principalmente, atrelados às especializações econômicas produtivas. Por outro lado, uma maior rarefação de instituições de ensino em regiões que não possuem atrativos econômicos (Santos; Silveira, 2000).

É difícil ser negro no Brasil

Em geral, o que se conhece do que Milton Santos pensa, para a maioria das pessoas, está relacionado à política, ao desenvolvimento e à globalização, porém, poucos sabem o que ele pensava acerca de questões que envolvem o negro no Brasil e, em particular, o negro nos ambientes de ensino. Para Milton Santos, era importante compreender o que acontece no espaço brasileiro com comunidades ou indivíduos que historicamente foram aliçados dos projetos de desenvolvimento dos governos em todas as esferas, sejam elas municipais, estaduais ou a federal.

A biografia de Milton Santos, bem como o conjunto da obra dele foram e são objetos de estudos intermináveis, justificados não somente pela grande contribuição à ciência geográfica, mas pela amplitude nas análises dos problemas sociais, culturais, econômicos e espaciais do Brasil. Talvez por essa capacidade de pensar o Brasil e o mundo, já que ele viveu e trabalhou em diversos países, de forma crítica, o geógrafo ultrapassou os muros da Geografia e ganhou o respeito de renomadas universidades pelo mundo¹⁰, sobretudo, aquelas que se dedicam a elaborar estudos sobre a dinâmica global, colocando o humanismo como norteador de suas análises.

Para além das análises acerca dos espaços, Milton Santos não deixava de produzir severas críticas sobre a ciência, a universidade, o papel da intelectualidade brasileira e como o Brasil deveria tratar a população negra. Ele naturalmente não poderia fugir desse assunto, tendo em vista que, sendo um negro nascido no interior da Bahia, soube como ninguém analisar a luta do negro para entrar nas universidades, se fixar nas universidades e atingir os chamados cursos de elite na academia. Milton Santos dizia o quanto foi laboriosa a sua aceitação, por exemplo, na Universidade de São Paulo. Portanto, Milton Santos enquanto autor, intelectual e ser humano é uma referência para o incremento de pesquisas e análises da participação do negro nas ciências. Essas características justificam a necessidade de se ensinar Milton Santos nos diferentes níveis de ensino.

O seu exílio obrigatório em diversos países, o que o fez um pesquisador global; a sua dificuldade em fazer parte do quadro docente de uma das maiores universidades do Brasil; a

¹⁰ Sobre sua relevante carreira internacional, vale ressaltar a atuação como professor convidado nas universidades de Toulouse, Bordeaux e Paris-Sorbonne, na França, e no IEDES (Instituto de Estudos do Desenvolvimento Econômico e Social). Sua carreira itinerante, com convites no MIT (Massachusetts Institute of Technology – Boston) como pesquisador, e como professor convidado nas universidades de Toronto (Canadá), Caracas (Venezuela), Dar-es-Salam (Tanzânia), Columbia University (New York). Em 1994, recebeu o Prêmio Internacional de Geografia Vautrin Lud. Para mais informações acerca das contribuições internacionais de Santos, ver: <https://miltonsantos.com.br/site/biografia/>.

não aceitação do Brasil em saber ouvir um pensamento crítico são questões que colaboraram para a célebre frase do autor: “é difícil ser negro e intelectual no Brasil”¹¹.

Nesse sentido, nota-se a relevância de conhecermos o que Milton Santos pensava acerca da questão do ser negro no Brasil, especificamente dentro das ciências, dadas as posturas nem sempre populistas do autor acerca da temática racial, sobretudo, quanto ao uso de paliativos que os governos brasileiros, ao longo dos anos, adotaram no que concerne ao foco do tema em questão.

O Brasil tem uma dívida histórica com as comunidades tradicionais. Os negros, por exemplo, desde que houve a abolição da escravidão, foram jogados à própria sorte em cidades, e obrigados a competirem de forma desigual com uma sociedade caracterizada por uma população majoritariamente preconceituosa.

Certamente, Milton Santos causava insatisfação em alguns movimentos negros que ele identificava como radicais e se recusava a fazer parte. Isso fica muito explícito em uma entrevista que ele concedeu ao professor Dr. Fernando Conceição, reproduzida no Jornal Folha de São Paulo, em julho de 2001.

Até certo outono de 1992, quando o conheci (membros do Núcleo de Consciência Negra, na USP, do qual fazia parte, o procuraram para solicitar apoio), se dizia que “Milton Santos não se sentia negro”. O que naquele primeiro contato ele deixou explícito é que não poderia aceitar a ideia de que a questão racial no Brasil devesse ser deixada apenas para os negros resolverem ou discutirem. Era e é, no seu entendimento, um problema de toda a sociedade, ele se recusava a tratá-lo como uma questão exclusivista (Conceição, 2001, p. 3).

Nesse sentido, Milton Santos ultrapassou essas barreiras, enfrentou críticas e se tornou um ícone em relação à participação do negro na ciência, sem o apego a ser parte do *establishment*. Para Milton Santos, a força do intelectual se encontrava em defender as próprias ideias sem se preocupar com as críticas, mas esperar que suas ideias florescessem. “O intelectual não é o ‘nós’, ele não espera o apoio do colega ou do vizinho para avançar” (Santos, 1991, p. 18).

Evidentemente, houve avanços desde a morte de Milton Santos até os dias atuais, por exemplo, em políticas afirmativas. No entanto, quando os negros atingem um nível de formação acadêmica, independentemente da área de conhecimento, ainda têm suas ideias sufocadas. Um sufocamento que se dá via editoras que não possuem interesse em publicar

¹¹ Frase dita na entrevista no documentário *Encontro com Milton Santos: o mundo global visto do lado de cá*, dirigido por Sílvio Tandler, em 2006. Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=ifZ7PNTazgY>.

obras de autores negros, sobretudo, quando a obra expõe uma outra versão da história que não seja a oficial.

Milton Santos graduou-se em Direito e depois se dedicou a entender o território brasileiro e global, se tornando, portanto, como ele mesmo se intitulava, um geógrafo; porém, Milton Santos foi mais que um geógrafo, foi um pensador na amplitude da palavra, que conseguia realizar conexões sobre território, política, ciência, técnica e desenvolvimento. Verifica-se que Santos não pertencia às áreas Ciências Exatas, Biológicas, da Saúde e Tecnológicas, todavia, o pensamento dele acerca de temas ligados à universidade, à ciência e ao negro oferece contribuições no sentido de compreendermos o sentimento de um negro que conseguiu atingir um nível acadêmico mundialmente respeitado, mas que conta sua trajetória difícil a partir do momento em que fala e escreve de forma vigorosa acerca de um sistema universitário que ainda tem, em pleno século 21, vários indícios de um comportamento preconceituoso. Outrossim, Milton Santos conseguiu decodificar a importância da revolução tecnológica em diversas áreas do conhecimento, tanto para o desenvolvimento econômico quanto em relação aos benefícios para a sociedade.

Assim, esta reflexão pretende mostrar, por meio do olhar de Milton Santos, como a pesquisa de um negro é difícil de ser recebida no Brasil. Observa-se que as ideias de Milton Santos ainda são segregadas dentro dos muros das universidades e possuem pouca penetração em nossa sociedade, assim como a obra de outros intelectuais negros, como Abdias do Nascimento, Lélia Gonzales, Sueli Carneiro, Jurema Werneck. A segregação das ideias desses intelectuais não pode ser pensada como fruto de um panorama de ingenuidade, ainda mais quando temos em muitos departamentos das universidades uma visão neocolonialista.

Recentemente, temos acompanhado, ainda que a distância, a luta do professor Dr. Fernando Conceição (professor negro, atuante na FCOM/UFBA, com dois pós-doutorados na Europa e nos Estados Unidos) para ser “ouvido” pelos seus pares em debates nas suas candidaturas à reitor da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Não se trata de uma obrigação que a comunidade acadêmica da UFBA tem em eleger um negro para reitor, mas a negativa ou o boicote velado às falas dele. Recentemente, depois de 215 anos de sua criação, a Faculdade de Medicina da Bahia elegeu como diretor um negro, o médico Antônio Alberto Lopes¹². Então, o que se vê é que além da dificuldade de ser negro no Brasil, como sentenciava Milton Santos, é difícil também ser negro na Bahia.

Ou seria mais fácil ser negro se ele se deixasse ser “capturado” pela sedução de

¹² Ver: <https://exame.com/carreira/primeiro-diretor-negro-em-215-anos-da-faculdade-de-medicina-da-bahia-ve-saude-mental-como-prioridade>.

pertencer ao *establishment*? Milton Santos aposentou, continuou com suas ideias e não se deixou vencer, ainda que sua voz fosse dissonante de tudo aquilo que estava estabelecido como conceito de desenvolvimento para o país.

Por que ensinar Milton Santos em sala de aula?

A globalização é um conteúdo essencial nos componentes curriculares do ensino médio de Geografia e, mais especificamente, em cursos de graduação e pós-graduação de Geografia e áreas afins das ciências humanas. Ensinar globalização por meio de uma abordagem da Geografia crítica possibilita que os discentes façam uma conexão com outros temas ou mesmo com outras disciplinas ao longo da formação deles. Nesse contexto, a inserção do pensamento de Milton Santos passa a ser fundamental. É a compreensão de um intelectual negro sobre a dinâmica dos territórios, que possuem seus lugares opacos e luminosos. Logo, é uma contribuição que tem como objetivo principal aguçar, produzir críticas e buscar alternativas para se compreender a globalização e sua relação com a sociedade, territórios, ciência e o negro no Brasil.

Os conteúdos programáticos e as aulas podem elencar, por exemplo, pensamentos de Milton Santos. Com uma abordagem de pesquisa qualitativa, pode-se utilizar frases retiradas de palestras, debates, artigos e livros em que ele aborda a globalização e a constante transformação no território em múltiplas escalas. Para realizar esta compilação de críticas, inicialmente, sugerimos a utilização de vídeos, entrevistas e documentários em que Milton Santos é protagonista, tais como: entrevista no Programa Roda Viva, da TV Cultura¹³, em maio de 1997; documentário dirigido por Sílvio Tendler, em 2006, intitulado Encontro com Milton Santos: o mundo global visto do lado de cá¹⁴; entrevista no programa de televisão Conexão Roberto D'Ávila – com Milton Santos¹⁵, em 1998; entrevista no programa Passando a Limpo com Boris Casoy¹⁶, em 2001; e no Programa do Jô¹⁷, em 1995.

O uso dos vídeos, documentários e entrevistas proporciona analisar o que Milton

¹³ Programa Roda Viva da TV Cultura – Entrevista com Milton Santos, realizada em maio de 1997. Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=xPfkIR34law>.

¹⁴ Documentário Encontro com Milton Santos: o mundo global visto do lado de cá, dirigido por Sílvio Tendler, em 2006. Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=ifZ7PNTazgY>.

¹⁵ Entrevista com Milton Santos, no programa Conexão Roberto D'Ávila, realizada em 1998. Ver: https://www.youtube.com/watch?v=bBalW_Z6D8E.

¹⁶ Entrevista a Milton Santos no Programa Passando a Limpo, TV Record, 2001. Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=SKJls4XWJNg>.

¹⁷ Entrevista concedida em 10 de julho de 1995 ao programa Jô Soares Onze e Meia <https://www.youtube.com/watch?v=c96nNjaO62w>.

Santos disse e que muitas pessoas não leram, pois muitas vezes em um registro oral estão análises que não foram feitas em seus livros. Os vídeos colaboram para a fixação da imagem e da corporeidade de Milton Santos. Aliás, “a corporeidade ou corporalidade trata da realidade do corpo do homem; realidade que avulta e se impõe, mais do que antes, com a globalização” (Santos, 1996, p. 10).

No que se refere ao uso da obra de Santos, indica-se livros como *O país distorcido: o Brasil, a globalização e a cidadania* (2002), *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal* (2000) e *O trabalho do geógrafo no terceiro mundo* (1991). Portanto, são críticas elaboradas por um negro, intelectual no Brasil e que de certa forma é a explicitação da inquietude dele no ambiente acadêmico brasileiro.

No que concerne à justificativa do tema da globalização como norteamento das atividades nas aulas, de acordo com Giddens (2000, p. 23), “a globalização não é, portanto, um processo singular, mas um conjunto complexo de processos. E estes operam de uma maneira contraditória ou antagônica”. Nesse sentido, Milton Santos, por sua característica de pensamento dialético, soube sintetizar esses contraditórios a partir da dinâmica dos países subdesenvolvidos, mostrando a face perversa da globalização por meio dos processos de urbanização, da produção de alimentos, do papel da mídia, da influência da ciência econômica e de uma geopolítica comandada pelo capital. “Milton Santos chama atenção para a força do mercado, que atravessa inclusive os interesses das pessoas, a partir do lado político dessa globalização perversa” (Diniz, 2009, p. 40)”. A análise crítica desenvolvida pelo professor Milton Santos acerca da globalização é reconhecida em nível global¹⁸. Os livros dele, em cada período em que foram publicados, se tornaram referências para o trabalho do geógrafo, bem como de outros pesquisadores que se lançam a compreender a dinâmica territorial.

O livro *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*, publicado em 2000, se tornou um clássico dentro da temática. Nesta obra, Milton Santos implicitamente coloca a globalização comandada pelo capital em xeque, a partir do momento que propõe uma globalização com viés humanista. Os estudos sobre essa obra geralmente são encontrados no formato de artigos ou resenhas que derivam do livro ou do documentário, citado aqui anteriormente, intitulado *Globalização Milton Santos – O mundo global visto do lado de cá*, de 2006, que é baseado no pensamento de Milton Santos acerca da globalização.

¹⁸ Um dos exemplos desse reconhecimento internacional é o Prêmio Internacional de Geografia Vautrin Lud, que Milton Santos ganhou em 1994. O prêmio é conhecido em inglês como Vautrin Lud Prize, sendo a maior premiação no campo da Geografia. Estabelecido em 1991, o prêmio tem semelhança com o Prêmio Nobel, por isso, é comumente chamado de Prêmio Nobel de Geografia. Para mais informações: <https://miltonsantos.com.br/site/biografia/>.

Contudo, essas publicações não aprofundam a análise da globalização enquanto fenômeno em decadência; vão somente na direção de reafirmar a necessidade de uma globalização mais humana, como sugeria Milton Santos.

Dentro de um espectro mais amplo, ao utilizarmos o pensamento de Milton Santos em sala de aula, queremos contribuir de alguma forma para o resgate dos pensadores brasileiros, sobretudo, porque é fundamental entender que nós temos nossas próprias referências no que se refere a pensar o Brasil e o mundo. Nesse sentido, as universidades e os institutos de pesquisa também precisam reconhecer e reverter o processo de elitização que ainda hoje permanece intramuros nas instituições.

Rubem Alves comenta que, antes de mais nada, é necessário acabar com o mito de que o cientista é uma pessoa que pensa melhor do que as outras. Aí está o desafio para educadores e divulgadores: contribuir para que a ciência e a tecnologia permaneçam a serviço da humanidade e do desenvolvimento sustentável. Se partilharmos da ideia de uma ciência contextualizada no âmbito cultural torna-se emergencial a defesa de uma ligação direta entre os que produzem o conhecimento, ou seja, a comunidade científica e o cidadão comum (Silva; Carbonese; Fejes, 2012, p. 217-218).

Nessa linha de pensamento, Milton Santos tinha uma preocupação em ver a Geografia como uma ciência propulsora da cidadania, uma inquietação explicitada no artigo intitulado *Por uma Geografia cidadã: por uma epistemologia da existência* (1996).

Considerações finais

Passadas mais de duas décadas desde suas publicações acerca do tema globalização, certamente, novos elementos que configuram nessa temática foram agrupados fazendo com que o viés econômico obtivesse sucesso frente uma proposta geopolítica mais solidária. Por exemplo, Milton Santos viveu apenas o começo da internet, portanto, as análises dele não puderam acompanhar a explosão das redes sociais e seus diversos usos. Ele não pôde analisar o ciberespaço como outro território em que as mercadorias, as ideias e a propagação política não encontram limites geográficos e, portanto, é difícil de ser cartografado.

Logo, a globalização proposta por Milton Santos não levou em consideração esses novos atores e agentes que se apresentam como poderosos no que tange a relação entre os territórios. É provável que Milton Santos estivesse decepcionado com a propagação de tanto ódio e de tantas coisas contraproducentes para o crescimento intelectual de uma sociedade, salvo raras exceções educativas em algumas redes sociais, bem como outras plataformas

digitais. Atualmente, qualquer pessoa que coloca um pensamento politicamente correto ou mesmo frases esdrúxulas nas redes sociais adquire milhares de seguidores e é considerada como intelectual por alguns.

Sobre a questão do negro no Brasil, como dizia Milton Santos, se há uma questão é porque o problema não foi resolvido. Por exemplo, a atuação dos negros dentro da academia no Brasil, visto que grande parte das produções deles são invisibilizadas, seja por preconceito pela cor ou pela postura crítica perante problemas que a universidade brasileira ainda tenta esconder ou negligencia. Isso coloca pesquisadores negros em lugares opacos em um cenário que deveria ser o exemplo da aceitação da diversidade.

Nesse sentido, Milton Santos disserta acerca da dificuldade do Brasil em não suportar um pensamento crítico intelectual. Ou será que não suportavam, especificamente, o pensamento de Milton Santos por ele ser negro? Ciente de que somos limitados teórico e metodologicamente para analisar essa temática e suas inúmeras variáveis que se dão nos mais diversos territórios, assim, o nosso envolvimento se limita aos muitos anos dedicados ao estudo do pensamento de Milton Santos.

Portanto, ao sugerirmos o ensino de Milton Santos em sala de aula, o que estamos fazendo é: dar prosseguimento aos estudos acerca da obra do geógrafo, mais especificamente sobre o tema globalização, oferecendo outras interpretações a respeito deste fenômeno que se mostra exaurido frente ao fracasso do falacioso discurso que busca a construção de uma aldeia global. Que as aulas funcionem como vetor de colaboração na disseminação do pensamento de Milton Santos, que possam refletir se precisamos de outra globalização ou de outros mecanismos de relações entre os territórios baseados em uma solidariedade também vislumbrada por Milton Santos. Por fim, espera-se contribuir para reforçar o relevante legado e construto desse importante geógrafo para a compreensão cada vez melhor do mundo em que vivemos.

Referências

AMARAL FILHO, J. A grande transformação e as estratégias de desenvolvimento local. *In: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA POLÍTICA, 7.; COLÓQUIO LATINO-AMERICANO DE ECONOMISTAS POLÍTICOS, 2., 2002, Curitiba. Anais [...].* Curitiba: Editora da UFPR, 2002. p. 1-21.

ANDRIOLI, L. A.; DARÓS, R.; FRANTZ, W. A educação popular como método de aprendizagem por meio dos movimentos sociais. *In: SCHÖNARDIE, P. A.; ULRICH, C. B.; ANDRIOLI, L. A. (org.). Educação Popular: epistemologias, diálogos e saberes (Volume I).*

Foz do Iguaçu: CLAEC e-Books, 2022. p. 30-40. Disponível em: <https://publicar.claec.org/index.php/editora/catalog/book/71>. Acesso em: 25 abr. 2024.

BRANDÃO, C. A. **A dimensão espacial do subdesenvolvimento**: uma agenda para os estudos urbanos e regionais. 2004. 206 f. Tese (Livre-Docência) – Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/314769>. Acesso em: 25 abr. 2024.

CONCEIÇÃO, F. Um café com Milton Santos. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 8 de julho de 2001. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0807200107.htm>. Acesso em: 25 abr. 2024.

DINIZ, J. R. **A territorialização dos conflitos e das contradições**: o capital versus trabalho nos laranjais baianos e sergipanos. 2009. 313 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-04022010-143918/publico/JANIO_ROBERTO_DINIZ_SANTOS.pdf. Acesso em: 25 abr. 2024.

GIDDENS, A. **Mundo em descontrole**. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Record, 2000.

HAESBAERT, R. Região, diversidade territorial e globalização. **GEOgraphia**, Niterói, v. 1, n. 1, p. 15-39, 2009. DOI 10.22409/GEOgraphia1999.v1i1.a13361. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13361>. Acesso em: 25 abr. 2024.

HANSEN, D. L. Educação e desenvolvimento local. In: FALCÓN, M. L. O.; HANSEN, D. L.; BARRETO JÚNIOR, E. R. (org.). **Cenários de desenvolvimento local: estudos exploratórios**. Aracajú: Secretaria Municipal de Planejamento, 2003. p. 97-123.

ORTIZ, R. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

MORAES, A. C. R. **Território e história no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 2002.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: EdUSP, 2006.

SANTOS, M. **O país distorcido**: o Brasil, a globalização e a cidadania. São Paulo: Publifolha, 2002.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SANTOS, M. O intelectual e a universidade estagnada. **Revista Adusp**, São Paulo, p. 16-20, out. 1997. Disponível em: <https://www.adusp.org.br/files/revistas/11/r11a03.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2024.

SANTOS, M. Por uma Geografia cidadã: por uma epistemologia da existência. **Boletim Gaúcho de Geografia**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 6-14, 1996. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/bgg/article/view/38613>. Acesso em: 25 abr. 2024.

SANTOS, M. **O trabalho do geógrafo no terceiro mundo**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1991.

SANTOS, M. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: EdUSP, 1982.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O ensino superior público e particular e o território brasileiro**. Brasília: ABMES, 2000.

SILVA, J. A.; CARBONESE, T.; FEJES, M. Conheça um investigador: um projeto de divulgação científica. *In: SEMINÁRIO HISPANO BRASILEIRO*, 2., 2012, Brasília. **Anais** [...]. Brasília: CTS, 2012. p. 215-224. Disponível em: <https://revistapos.cruzeirosul.edu.br/encima/article/download/387/325/1368>. Acesso em 25 abr. 2024.

SOUSA-SANTOS, B. Desigualdad, exclusión y globalización: hacia la construcción multicultural de la igualdad e la diferencia. **Revista de Interculturalidad**, Santiago, v. 1, n. 1, mar. 2005.

Submetido em 10 de abril de 2024.

Aprovado em 23 de maio de 2024.